

PREFÁCIO

OS MUITOS DIZERES DE UM SILÊNCIO: *O SILÊNCIO DOS LIVROS*

Beatriz Virgínia Camarinha Castilho Pinto
Mestre em Linguística

O silêncio dos livros é uma grande metáfora sobre o papel dos livros na vida das pessoas. É uma declaração de amor à Literatura e também à Língua Portuguesa, cuja história recria miticamente. É, ainda, uma trama romanesca sobre o amadurecimento.

O romance se passa num futuro próximo, em que os livros estão proibidos e a relação das pessoas com o mundo – e consigo próprias – é mediada pela tecnologia. Nesse ambiente, circulam um homem que só virtualmente interage com mulheres, uma mãe cuja única ocupação é ver tevê, uma adolescente que se relaciona com o mundo apenas por meio das redes sociais, e uma menina que adora histórias – porém estas são proibidas. O conflito se acirra quando

chega à cidade um estrangeiro empenhado na liberação dos livros, portando um misterioso caderninho de anotações.

A história se inicia em Vila Nova de Gaia, Portugal, contada sob o ponto de vista da menina: *Era um daqueles períodos da História tão tragicamente adultos que o absurdo só se faz visível aos olhos da infância*. A segunda parte do romance é ambientada no Brasil, narrada do ângulo de visão de um misterioso personagem, enquanto a terceira parte se passa novamente na região do rio Douro, mais uma vez sob a perspectiva da menina.

Fazer o leitor ver o mundo pelos olhos de uma criança é um dos grandes achados do romancista, que, com tal recurso, leva ao extremo o efeito de estranhamento e a sensação de absurdo. O leitor sente junto com a menina, sente aquilo que ela sente.

O silêncio dos livros é um romance para ser saboreado não só pelo seu enredo recheado de tensões e suspense, mas também pelos detalhes de sua construção, como o trabalho com a linguagem, as descrições impactantes e a escolha dos nomes dos personagens. A menina chama-se Alice, mas a família só a trata por “menina”. O que significa não ser alguém tratado pelo nome? E por que o autor escolheu o nome Alice? Quem é a Alice do universo dos livros, já que estes são o tema do romance? E sua irmã, por que tem ela o nome de Beatriz? A qual personagem literário tal nome remete? A Beatriz do romance é um espelho ou um espelho invertido da musa de Dante Alighieri? Recuperar a memória literária dos nomes é uma forma de demandar a participação ativa do leitor e, assim, agregar novos sentidos à obra.

Manejando uma linguagem precisa e poética, o autor cria metáforas surpreendentes, seja com advérbios: *períodos tragicamente adultos*; seja com expressões adjetivas: (a menina) *inundada de ausências*; seja ainda com verbos: *o barulho de louça dançando na pia da cozinha*. Também explora recursos estilísticos como os oxímoros: *aconchego de uma serenidade agitada*; a sonoridade: *o odor era de penas e peles em brasa*; e o polissíndeto: *repetiu tudo com a segunda cova, e com a terceira, e com a outra, e mais outra...* Sabe convidar o leitor a desvendar

sentidos apenas sugeridos, interpretando um silêncio feito de não-ditos, porém preenche de significados possíveis.

O romance se insere na melhor tradição da cultura ocidental, com sutis menções a livros, poemas e vinhos, a mitos clássicos e folclore, a obras de arte e teorias científicas, sem qualquer traço de pedantismo. De outra parte, envereda pelas grandes discussões da contemporaneidade, como a programação genética, a privacidade invadida por câmeras e dispositivos de gravação, a questão da identidade no mundo virtual, o direito ao esquecimento, o papel da literatura, o livre-arbítrio.

Este livro pode ser entendido como um romance de formação, na medida em que mostra o amadurecimento e a dor que se experimenta nesse processo. Ao crescer, a menina está tomada de cicatrizes: *ser sabida dá uma dor danada*. Para crescer, deve apressar-se lentamente. Tal é a epígrafe do romance: *festina lente (apressa-te lentamente)*, oxímoro que retrata o delicado equilíbrio entre a presteza e a precisão. Ao longo da narrativa a frase será ilustrada pelo desenho de uma âncora entrelaçada por um golfinho, que aparece tanto na logomarca do editor renascentista Aldo Manuzio, quanto em um pingente. No limite, a frase – bem como a imagem – simboliza os paradoxos da vida humana, espremida na tênue fronteira entre o bem e o mal, a sanidade e a loucura, equilibrando-se sobre a voragem que separa o eu do outro.

Além da leitura literal, o romance, por seu caráter simbólico, pode também ser interpretado de diversas outras formas, sendo verdadeira obra aberta.

Por todas essas qualidades, *O silêncio dos livros* exhibe um escritor maduro, com pleno domínio da arte literária, apto a conduzir um passeio pelas terras, pelas gentes e pela língua de Brasil e Portugal, convidando o leitor a mergulhar no abismo dos grandes problemas humanos.

Dezembro de 2018

PREFÁCIO (II)

O SILÊNCIO DOS LIVROS: PROSA POÉTICA DE BELEZA INCOMENSURÁVEL

Maria José Gargantini Moreira da Silva
Especialista em Língua Portuguesa e em Produção Textual

*Learn by heart this poem of mine
Books only rest a little time*
György Faludy (1983)

TER LIVROS É CRIME. DENUNCIE.

FESTINA LENTE: APRESSA-TE LENTAMENTE. Como em *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, em que a menina procrastina a leitura de um livro tão desejado, para assim prolongar seu prazer em lê-lo, o mesmo ocorre ao se ter em mãos *O silêncio dos livros*, como se isso pudesse mesmo ocorrer.

Assim, como a Alice (por coincidência?) do *País das Maravilhas*, que desvela mundos paralelos e fantásticos, o leitor de *O silêncio dos livros* se vê por entre caminhos labirínticos que conduzem a cada porta/caminho/linha e levam a uma nova descoberta, um novo acesso aos mestres da Literatura universal.

Este livro, repleto de “insinuações”, conduz-nos a um passeio por entrelinhas alheias, através de metalinguagens veladas e muito bem postadas no decorrer da leitura.

Com a placa insistente “TER LIVROS É CRIME. DENUNCIE”, forma-se o pano de fundo deste romance/denúncia (a)temporal e muito pertinente em tempos hodiernos, em que a sobrevivência de editoras e livrarias se vê ameaçada. A lembrança de *Fahrenheit 451*, romance distópico de Ray Bradbury, se faz presente sutilmente.

O incêndio de uma residência, como a transformar em cinzas todo um passado, também remete a *A menina que roubava livros*, de Marcus Zusak, em que a personagem Liesel “roubava” livros que seriam incinerados para poder sobreviver à vida real, afinal estava na idade em que “o dia seguinte basta para superar traumas.”

A referência ao gene-C faz uma interlocução com o romance de Aldous Huxley, que em *Admirável mundo novo* trata de uma Londres futurista a antecipar a manipulação genética.

Assim como os narradores de Javé, dois personagens tentam manter o registro de suas memórias para que não submerjam frente a uma sociedade que se desvanece em sua cultura, história e tradição.

Os diálogos com que o leitor se depara ao adentrar o “bosque - portão para o futuro” – ao desvendar os mistérios do livro – são construídos de tal forma e com tal habilidade que o leitor ávido de descobertas não consegue silenciar...

Silenciá-los? Como? Com os livros “podemos transcender a platitude de nosso cotidiano”...

São eles que, “além do que revelam já à superfície”, nos levam a “recônditos” de nossas vidas, “e através das personagens conseguimos observar o mundo com outros olhos, saboreando vidas que não as nossas e, assim, melhor entender os que nos cercam”.

E, então, imaginou “*uma mulher trazendo-lhe livros [...] um oceano de livros, livros feitos de mar, as ondas despejando nele os livros e indo embora, levando um pouco dele e deixando um pouco dela, ela, onda, ele, mar*” ...


Dezembro de 2018

PRIMEIRA PARTE



*Pelos olhos de Alice:
O desconcerto do mundo e o Estrangeiro
que contava histórias*

TER LIVROS É CRIME. DENUNCIE.

ra a última tarde do inverno e o vento embrenhava-se nas rachaduras do muro quando ela atravessou a rua sob o céu cinza, os olhos baixos evitando a placa sombria. Era um daqueles períodos da História tão tragicamente adultos que o absurdo só se faz visível aos olhos da infância: num mundo de sinal invertido, a base da montanha é seu ponto mais alto, e o pico, o vértice do abismo; não por outra razão, o que ali se passou só poderia mesmo ser contado pelos olhos de Alice.

Havia placas iguais por todo lado, é certo, mas aquela, afixada no muro bem à entrada do bosque, tornava tudo pior. Algo como um derradeiro alerta – TER LIVROS É CRIME. DENUNCIE – a lembrar à menina os perigos que corria por guardar seu livro em casa. Eram apenas umas páginas velhas, pensava, com dedicatória de avó e tudo, mas tinham sido banidas. E era o único remanescente da antiga coleção do tio, uma dádiva colhida da estante abarrotada de livros que convidavam a uma amizade genuína e que encantaram a menina antes mesmo que ela soubesse ler: vez por outra, ainda muito miúda, a menina vira uma lombada saltar da prateleira como

se a desafiá-la “venha, devora-me, decifra-me” – e ela metia-se então em devaneios, inebriada com as cores, texturas e cheiros do papel. Mas depois o tio acabou preso por colecionar livros e todos os volumes foram destruídos, sobrando só aquele, de histórias, que a avó conseguira esconder na antiga máquina de costura.

Nem sempre havia sido assim: a menina ouvira sobre uma época, remota e mágica, na qual era permitido ler histórias em livros – o que, sendo uma coisa boa, tinha agora o rosto de um mito.

A menina gostava de histórias, mas não tinha quem as contasse. Os contadores já se tinham ido, e ela andava à cata de alguém que narrasse o mar, desertos, colinas. Naquele tempo ela nada sabia sobre o crime, os grandes projetos arquitetônicos ou a Biblioteca de Babel, e pouco entendia das dores e cicatrizes de gente crescida. Naquele tempo ela queria ser sabida.

Sob ataque de torvelinhos de poeira, ela cruzou o portão de bronze e entrou no bosque. Névoa. Ergueu a gola do casaco para proteger do frio as orelhas, desceu contornando os salgueiros, tomou a ponte de pedra e seguiu pela trilha preferida, de onde podia avistar trechos do rio amigo. As águas do rio Febros iam passeando por Vila Nova de Gaia, aqui e ali mais rápidas sobre as pedrinhas amontoadas, então de novo serenas. As águas eram sinceras.

Afastando-se do rio, a menina enveredou pela parte alta do bosque, passou ao largo do palacete neoclássico, há tempos fechado, e enfim chegou ao sobrado de concreto vermelho com painéis azuis e amarelos: era a sua casa, seu reduto de tranquilidade e segurança. Mas bastou abrir a porta para ser agarrada e arrastada escada acima, rumo ao escritório, sob gestos mudos e inequívocos que impunham silêncio. A menina foi jogada num canto como se atira papel amassado a um cesto de arame e, com a boquinha imóvel e os olhos dilatados, esperou pelo próximo ato, atormentada com o que, já sabia, viria a seguir.

Só havia o som de papel sendo rasgado.

A menina ouviu o barulho, depois outro igual, e outro, e mais outro, as folhas de seu precioso livrinho sendo arrancadas, as letras

partidas, o livro desmantelado. A fragmentadora de papel foi ligada, e a menina viu a capa colorida nela esmaecer. Então foi a vez da folha com a dedicatória da avó. Então várias. A menina ia vendo seus mundos convertidos num macarrão sem graça, a máquina a cuspir tiras de papel e letras, mastigando a alma do livro, mastigando a menina. E outra folha, e outra, e mais outra, as tiras de papel parecendo neve suja. A menina chorava sem barulho, e queria acreditar que aquilo lhe era feito só por proteção; mas doía saber que não poderia haver reclamos – era uma regra da mãe – e que nada se diria ao pai – outra regra. Metida no camisolão bege (quase sempre era assim), a mãe retirou-se sem explicar *como* encontrara o livro – estava escondido no porão entre as latas de querosene, combustível do velho aeromodelo do pai. Com a visão embotada, a menina foi até a máquina trituradora, abriu o compartimento transparente, enxugou os olhos, apanhou seu tesouro moído. Lembrou-se de quando o recebeu da avó como um grande segredo, lembrou-se das páginas amassadas, do formato das letras, da capa colorida, dos sustos, dos risos, as letras dando as mãos para formar palavras e o mundo. Tentou recuperar aquele mundinho no papel picotado, mas agora eram só tiras de letras. Aqui e ali identificava um “a” decapitado, um “e” dilacerado, um “s” assassinado; mas era só isso, as letras separadas não formavam palavras, nem frases, nem história, nem nada; eram um Nada inultrapassável. Pensou nas letras como pessoas, agora todas separadas, cortadas ao meio; pensou que, quando se separam as pessoas, viram pessoas partidas – e não se forma mais nada; o montinho afogado de papel não formava mundinho nenhum.

Mas, como que por feitiço, o montinho afogado lembrou-a dos cabelos nevados da avó, e a recordação trespassou os olhos e foi molhando. Então ela agarrou-se aos cabelinhos de papel da velhinha.

Ainda atordoada, pela janela a menina assistiu ao sol desvencilhar-se das nuvens numa fresta horizontal. Feito um deus que morre, o sol incendiava o fim do dia pintando tudo de laranja e vermelho, e ia deslizando para repousar no espaço vazio em formato de letra “v” entre dois morros, como se descesse a um abismo.

A menina sorriu: gostava do crepúsculo – ainda mais quando expulsava o cinza do resto do dia. Mas era agora um sorriso torto, trêmulo, atrapalhado.

Na tarde de fogo, não havia mais nenhum livro para ser lido.



Veio a tarde seguinte e a menina repetiu o trajeto; a placa TER LIVROS É CRIME. DENUNCIE a parecer-lhe mais e mais repulsiva. (Na verdade, naquele tempo, “repulsiva”, como tantas outras palavras esquisitas, não fazia ainda parte do vocabulário da menina; mas substituiu bem, anos depois, o adorável termo “feiosa” que ela encontrou anotado em um de seus caderninhos.)

A menina passara a madrugada a chorar pelo livro, retorcida na cama. Estava muito triste. Mas estava também na idade em que o dia seguinte é o quanto basta para superar traumas para todo o sempre (todo o sempre equivalendo a uns vinte anos) e podia alegrar-se de novo com as trivialidades da vida: desvirou um besouro e sorriu ao ver o bicho voar. Não era diferente quando algum passarinho batia nas vidraças da casa: ela apanhava-o depressa do chão, deixava escorrer água fria de torneira no biquinho e depois era só aguardar o voo. Fora assim com um estorninho-malhado semanas antes, bem no dia do aniversário da menina. Mas foi uma data de nada, sem graça; não teve balão, nem bolo, nem nada. Naquele tempo já não se festejavam os dias de anos, nem mesmo os das crianças miudinhas – algo que a ela parecia tão estúpido quanto destruir livrinhos.

Penetrando no bosque, inundada de ausências, a menina pensava no livro picotado e na mãe; e também no pai e na irmã. Amava-os. Pensava nos pais e na irmã como bonitas caixas de sapato, das que se empilham em lojas, juntinhas, mas sem se verem umas às outras por dentro, sem verem a menina. Eles tinham-lhe algum amor, talvez – um amor raquítico, se tanto –, e vez ou outra até houve ternura; mas foram tão poucas as vezes que o tempo degolou a memória: quando de algo se tem pouco, agarra-se com afinco a esse pouco;

mas quando esse pouco é menos que pouco, esvai-se e perde-se em pó.

Os pais diziam que a menina perturbava demais os adultos, não precisava saber tudo, tinha de parar com aquela história de histórias – umas asneiras dessas. Chamavam-na de doida. Então ela ia à floresta à espera de algum acontecimento fantástico: podia ser um fruto, um coelho, um pio, um espelho. Não era bem uma floresta, mas a menina gostava de pensar que o bosque era muito sabido e podia transformar-se em uma.

Lembrar-se do bosque dá uma vontade danada de chorar.

Depois da ponte de pedra, a menina avançou pela trilha companheira do riozinho e seguiu encantada com o aroma da mata, o farfalhar das folhas e a robustez das árvores. Como de costume, ela meteu-se a recapitular os nomes das coisas conhecidas do bosque e também a inventar outros para as desconhecidas. Distraída com o voo de uma garça-real, o tropeço veio e, com ele, o joelho a raspar-se no chão. Ajeitando a meia-calça, agora desfiada no entorno do joelho ferido, ela levantou-se. Feixes de luz derrubavam-se das copas frondosas, descortinando retalhos azuis do céu e decorando o chão com círculos alumiados. Acariciada pela brisa que fazia na mata sua música, a menina tornou a caminhar sem pressa, até que notou abertas as janelas do palacete – uma novidade em meses. Ela aproximou-se com rapidez, as folhas secas a cochichar sob suas sapatilhas, e a casa do vizinho foi crescendo nos olhos: as colunas pareciam carretéis de linha branca, e as janelas e arcos emprestavam olhos às paredes cor de palha, podendo-se agora ver acesa, lá dentro, uma arandela de alabastro. Parou, curiosa.

Um homem saiu pelos fundos do palacete tendo uma das mãos bem fechada e a outra a abraçar um martelo. Os cabelos negros penteados para trás davam-lhe ares de grande seriedade, e as feições revelavam sabedoria e retidão de caráter, com o semblante a exhibir a tranquilidade de quem, se não era desprovido de pecados, pelo menos tinha com eles uma boa briga. (Na verdade, essas coisas a menina ainda não sabia, mas gostava de pensar que as pessoas tinham a alma publicada na testa.)

O homem tomou o caminho até a cerca branquinha, feita de estacas com pontas suaves. Ele agachou-se e a mão foi aberta. Colocou o martelo num canto e com a mão livre pegou dois pregos da outra mão, levando-os à boca. Tirou de lá um, apoiou-o e fez com que atravessasse o furinho da dobradiça solta, colocando-a no lugar delineado pela antiguidade. Apanhou o martelo de volta e deu o primeiro golpe, mas o preguinho entortou e ele teve de arrancá-lo fazendo alavanca. Puxou para si uma pedra de superfície plana, apoiou nela o prego que agora parecia uma cimitarra e, com batidinhas de quem sabe o que faz, foi restituindo o prego à forma original, medindo bem a força para não ser de mais nem de menos. Como se forjasse uma espada. Recomeçou. Dessa vez as pancadas foram certas e o prego foi-se misturando à madeira, a ordem regressando ao bosque, o homem agigantando-se ao cravar do jeito certo o prego certo na madeira certa.

Ele pegou o segundo prego, brilhoso e sublime. Mas era outro prego teimoso que se recusou a curvar-se e, com a batida, espirrou. O homem pôs-se em pé e cruzou a abertura do portãozinho; reclinou as costas, largas como o Atlântico, ajoelhou-se, dobrou as mangas da camisa e com a mão direita foi tateando a vegetação rasteira.

A menina deslizou até o limiar da cerquinha sem ser notada, com o verde e o vermelho do uniforme escolar misturando-se às folhagens e flores, e os longos cabelos mimetizando o castanho do tronco das árvores. Ela carregava numa das mãos apenas o *tablet* do colégio e, na outra, o caderninho de tomar notas, o caderninho que não largava – o que lhe rendera entre os colegas de classe a indesejável fama de esquisita, a dolorosa falta de amigos e o apelido “A Caderninhos” (diziam-lhe “Caderninhos, venha cá”, “Caderninhos, tome nota deste xingamento nos seus caderninhos” e, com uns petelecos que punham a arder-lhe as orelhas, “Caderninhos, vá conversar com velhos, que gostam de papel”).

Ela deu mais alguns passos e estancou dentro das sapatilhas – sempre de numeração maior para que pudesse mexer os dedinhos, como bem gostava. Mexeu os dedinhos.

— O senhor viu por aí uma gata? – perguntou a menina.

Ainda ajoelhado, o homem mostrou-se surpreso. Os cabelos pareciam reavivados de tinta, leves rugas revelavam que ele sorria com o rosto todo, as orelhas eram pequeninas; mas foram os olhos que intrigaram a menina, parecendo a ela duas esferas polidas, da tonalidade que se vê no horizonte quando o sol se levanta. O homem fitava-a como o faria um garoto da idade dela – como se naquela face de adulto houvessem plantado olhos ingênuos de criança.

— Vi um gato mais cedo – respondeu ele.

— De que cor?

— Acho que era preto, marrom e bege – disse erguendo-se, pujante e rochoso, agora parecendo um *moai*.

— Então não era um gato. De três cores, só fêmeas. Pelo menos minha avó dizia isso. Ela era a dona da gata.

— Sua avó...

— Minha mãe diz que ela virou estrelinha. Mas sei que ela morreu. Finjo não saber para que mamãe não fique triste. Minha avó dizia que, quando ela morresse, viveria na gata; para me proteger e para eu não sentir saudade. Ela também dizia que se um dia a gata fosse embora era porque eu não precisava mais da proteção dela. O senhor vai morar aí?

— Isso mesmo. Estou fazendo alguns reparos.

— Não quis chamar alguém para arrumar isso? – perguntou a menina, apontando para o portãozinho de madeira.

— Gosto de consertar as coisas.

— O senhor é português?

— Não. Venho do Brasil.

— O senhor tem uma filha para brincar comigo?

— Infelizmente não tenho família. Morarei sozinho aqui. E você, onde mora?

— Ali. Sou sua vizinha. Sempre volto da escola pelo bosque. A Artemisa costuma me esperar no caminho, mas desde ontem não aparece.

— Artemisa...

- Minha gata.
- Entendo... Mas, pelo bosque? E sozinha? Não é perigoso?
- Só se o senhor tiver medo de doninhas. Há um monte delas. São minhas amigas. O senhor pode ir à minha casa?
- Bem... Tenho várias coisas para fazer aqui e...
- Meu pai sempre diz isso. Ele sempre tem coisas para fazer. Eu gostava era da minha avó e do meu tio. Eles tinham tempo para as crianças, contavam histórias. Agora ninguém mais conta.
- Lamento. Também gosto de histórias.
- Minha avó e meu tio contavam umas boas.
- E na escola? Não leem lá boas histórias?
- Chatas. Eles dão uma história e todo mundo fica mudando tudo. Quando o príncipe vai encontrar a princesa, vem um chato e faz o príncipe morrer na história. Depois vem outro e faz ele viver de novo. Aí vem um e faz a princesa não gostar mais do príncipe. Vem outro e muda tudo, dizendo que não existem mais príncipes nem princesas. Nunca termina. Uma chatice. Gostava mesmo era das histórias do meu tio e da minha avó. Tinham começo e fim.
- Meio também?
- Isso. Meio, começo e fim.
- Como você se chama, mocinha?
- Alice Maria Crástino. Mas em casa só me chamam de “menina”. O senhor pode me chamar de Alice. Se quiser.
- É um prazer conhecê-la, Alice. Chamo-me Santiago – disse ele, inclinando o corpo numa reverência.
- Só Santiago?
- Na verdade, Santiago Pena.
- Só isso?
- Está bem, você me pegou. Santiago Pena de Jesus.
- Agora sim, senhor Pena. Ou devo chamá-lo de outra forma?
- Pode chamar-me apenas de Santiago. Se quiser.
- Muito bem, senhor Santiago. Agora tenho de ir.
- A menina deixou o lugar com um contentamento enorme: ela sabia que dali surgiria uma grande amizade, algo que mudaria sua vida.

Na verdade, não sabia de nada disso, mas era assim que gostava de contar a história.



A manhã seguinte apresentou surpresas à menina: a mãe, normalmente refratária a novidades, interrompeu o leite com torradas para insistir em conhecer o homem que acabara de mudar-se para o palacete. O pai tentou desconversar, falou em compromissos, reclamou da falta de tempo, disse não haver razão para meter-se com vizinhos. Como de hábito, foi vencido e, enquanto finalizava o pastel de nata, cabisbaixo, concordou. Enfiado na calça de pregas posta mais alta do que devia, o pai vestiu a gravata – a ponta, como sempre, acima do lugar certo –, tendo o colarinho a apertar-lhe o pescoço gorducho, tudo a conferir-lhe o ar engraçado e inofensivo de um pelicano. Quando não estava com seus eletrônicos ou coleções, o pai era carinhoso e até ensinava coisas à menina, falava da importância de se fazer tudo com segurança, ser comedido, ser pontual. A menina adorava o pai. Adorava a mãe e a irmã também, embora com elas tivesse menos prosa.

Impulsionado pela mãe da menina, antes de ir para o trabalho o pai caminhou até a residência do vizinho – a última da Rua do Bosque e a única que fazia divisa com o terreno dos Crástinos. Agachada atrás do arbusto, a menina viu o pai apresentar-se e fazer o convite para o jantar; encabulado, o senhor Santiago, que insistiu em ser chamado apenas pelo prenome, aceitou. Só depois que o pai se foi a menina deixou o esconderijo, tomada de leve culpa – a mãe vivia a chamá-la de xereta, queria saber coisas demais, devia parar com aquilo, não tinha de falar com todo mundo e tal. A menina era de fato isso tudo e assim agia no direito de toda criança: ser xereta. Gostava de aventuras, de saber das coisas, do som das palavras – principalmente das que evocavam histórias antigas. Gostava de ouvir conversas e repetir para si as falas dos outros, imitando as vozes para memorizar. Como uma catadora de palavras, anotava tudo em seus

caderninhos. Não entendia muito bem o que os adultos diziam, mas abraçava as palavras mesmo assim – para quando crescesse e fosse sabida.

Mais tarde, ao voltar da escola, a menina deparou-se com um homem de terno cinza-chumbo parado na lateral da casa do senhor Santiago. Sacando do bolso da calça uma luneta retrátil, o homem espiou pelo vidro da janela o interior da casa e, com o movimento ascendente dos braços, seu paletó subiu, deixando à mostra, pendurado na cintura, o objeto reluzente: uma arma.

Ele repetiu o procedimento em mais duas janelas. Depois, acenando para o rapaz que estava ao lado de uma viatura, balançou a cabeça em sinal negativo. Saíram dali apressados.

Não haveria de ser nada, pensou a menina, que, com a expectativa para o jantar, via aquele dia de primavera desdobrar-se numa longa espera, uma ansiedade incontida que só iria findar-se no início da noite.



— O estrangeiro chegou! – gritou lá dos fundos a mãe da menina.

Às 20:27 pelo marcador digital da TV, três minutos adiantado, Santiago postava-se defronte à casa dos Crástinos, tendo na mão uma garrafa de vinho. A menina estava no sofá com suas oito bonecas, e pela bandeira lateral da porta conseguiu ver o convidado ali parado, o paletó preto sobre o colete de mesma cor, o tronco ereto numa altivez de carvalho.

Miudinho em sua calça larga, o pai atendeu à porta e, com as mãos molhadas de suor, deu boas vindas ao vizinho. Enquanto desembaçava os óculos retangulares, o pai disse que não era necessário Santiago ter trazido vinho, mas aquele era nobre e uma coisa assim não recusaria. Atrás do pai veio a mãe de saltos altos como há tempos não se punha, enfiada num vestido branco acetinado, com ombros desnudos e seios quase à mostra, por entre os quais

imiscuía-se um colar que combinava com os brincos de pedras azuis – tudo numa harmonia insidiosa.

— Boa noite, senhor Cícero Crástino – disse Santiago, cerimonioso, ao pai da menina.

— Boa noite, senhor Santiago. Esta é minha esposa, Louise.

— Muito prazer em conhecê-la, senhora Louise. Obrigado pelo convite.

— O prazer é todo meu. E obrigada por aceitá-lo – respondeu a mãe, entortando a boca com um sorrisinho não usual, embora mantendo a voz áspera e os olhos desviantes de sempre (a mãe encarava crianças, mas extraviava os olhos quando lhe falava um adulto).

— Se me permite a curiosidade, a senhora é brasileira?

— Portuguesa, certamente – respondeu a mãe.

— Desculpe-me — disse Santiago, constrangido.— Mesmo morando em Portugal há meses, ainda não me acostumei ao fato de que nas cidades maiores fala-se como lá no Brasil.

— Falamos a mesma língua, não? – interferiu o pai.

— Sim, mas referia-me ao antigo sotaque português – respondeu Santiago.

— Ah... Bem, como já deve saber, não falamos mais daquele jeito – disse o pai.

— Veio com família para Portugal? – foi a vez da mãe.

— Não. Vivo sozinho aqui.

A menina aproximou-se, mas ficou a olhar, muda.

— Olá, Alice.

— Oi, senhor Santiago – falou ela, trêmula, emocionada por ser chamada pelo nome. — O senhor veio até minha casa! Já pode me contar uma história?

— Que é isso, menina?! Não aborreça o senhor Santiago – irritou-se o pai, apertando o ombro da filha.

— Vá ali brincar com suas bonecas – emendou a mãe.

— Tudo bem, Alice. Talvez outra hora eu possa contar uma história – disse o convidado.

— Papai sempre diz isso. Outra hora...

— Sossegue, menina! — disse o pai com mais severidade — Subirei com nosso convidado até o escritório.

— Vai chatear o vizinho com suas coleções, querido? Os tacos e aquela velharia de vinis de rock? Depois ele não volta mais aqui...

Santiago interferiu, polidamente:

— Está tudo bem, senhora Louise.

Os homens galgaram a escada, solenes como se integrassem um cortejo fúnebre. A mãe foi à cozinha, e barulho de talheres veio de lá. A menina ia alinhando as bonecas em duas fileiras de quatro, enquanto ouvia o pai explicar a Santiago a origem de cada taco, seus efeitos sobre a bola e o nascimento de sua paixão pelo beisebol na juventude, quando estudara nos Estados Unidos. Com um berro, a mãe anunciou o jantar e eles desceram.

A mãe sentou-se na cadeira de estofó vermelho, conferiu-se no losango espelhado da parede oposta e ajeitou o cabelo para trás, expondo o rosto triangular de sardas leves; como de costume, ficou batendo as pontas das unhas, recém-pintadas de marrom, nos pés da mesa.

— Querida, onde está a Beatriz? — o pai tinha expressão grave.

— Ela disse que só viria mais tarde. Desculpe-me, senhor Santiago. Nossa outra filha também deveria estar aqui para recebê-lo. Adolescente. Sabe como é.

— Não se incomodem com isso, por favor — disse Santiago, mexendo no enorme relógio que cobria o pulso e parte das costas da mão.

Emoldurada pelo papel de parede bege que ostentava desenhos abstratos, a mãe, agora parecendo uma pintura cubista, disse ter feito duas de suas especialidades: caldo verde e lampreia. Ela destampou a sopeira e o refratário transparentes, liberando aromas pela sala, e, manejando os pratos de bordas decoradas com espirais vermelhas, serviu de caldo o convidado, depois a si própria, depois à menina; passou a concha ao marido, sem olhar para ele, e voltou-se para Santiago:

— O senhor irá morar ali?

— Ficarei por um bom tempo. Tenho algumas atividades para desenvolver no Porto.

— Se não me engano o senhor mencionou estar em Portugal já há meses. Negócios? – perguntou a mãe, desdobrando com vagar o guardanapo de linho.

— Não exatamente. Trabalho para uma fundação cultural. Desenvolvemos parcerias para o fomento às Artes.

O pai pediu licença para atender ao celular e deixou a mesa sob o olhar reprovador da esposa, que prosseguiu conversando com o convidado.

— O senhor deve viajar muito, não? Ao Brasil também?

— Viajo bastante, mas não voltei a meu país desde que me mudei para cá.

— Disse não estar com familiares. Amigos por aqui?

— Não. Estou mesmo sozinho. Passei um período na zona rural, no Cima-Corgo, com algumas interrupções para viagens ao exterior; mas eram jornadas rápidas, dos aeroportos para salas de reuniões e vice-versa. Tenho contatos em diversos países, mas não posso dizer que tenha feito amigos.

— Pois o senhor terá amigos nesta casa!

— Obrigado pela acolhida, senhora Louise – disse Santiago, inclinando-se em sua típica reverência.

— Conhecia o antigo dono de sua casa? – perguntou a mãe.

— Um tal de António, parece-me. Pelo que soube, um homem culto e muito atarefado.

— Creio que sim. Nunca ficava ali. A casa estava sempre fechada.

Com o prolongado silêncio do convidado, a menina aproveitou para falar:

— Já pode me contar uma história, senhor Santiago?

A mãe interferiu, era para a menina ficar quieta, não incomodar. Santiago prometeu que após a refeição poderia tentar, e nesse momento o pai voltou desculpando-se pela interrupção e tomou de novo o assento à mesa. Foi quando ouviram a batida da porta frontal. Beatriz surgiu de vestidinho preto e saltos desmedidos que faziam um toque-toque irritante, os olhos medíocres de tão pequeninos contornados a lápis número 2, o cabelo rasgado por uma fina mecha

descolorida. O decote expunha alguma mocidade, e ela carregava no punho argolas de todas as cores, as quais nunca permitia à menina tocar. Sem nenhuma pressa, Beatriz tirou os fones de ouvido, que na certa embalavam *acid jazz* – algo que ela escondia das amigas, mas a menina sabia.

— Está atrasada – disse o pai. – Cumprimente nosso convidado.

— Oi – murmurou Beatriz, sentando-se com empáfia.

Era o jeito dela, inalterável. Mesmo por aqueles dias, quando uma amiga havia morrido por consumir umas pedrinhas – coisa que a menina não conseguia entender –, Beatriz não se mostrava particularmente preocupada, nem sequer aborrecida; apenas distante.

— Senhor Santiago, desculpe-nos pelos maus modos de nossa filha – disse a mãe. — Beatriz, você precisa conhecer direito as pessoas e...

— Eu não quero conhecer ninguém! – gritou Beatriz, que quando irritada falava de um jeito incomum, parecendo fazer sumirem as vogais.

A mãe retomou:

— Beatriz, cumprimente nosso convidado. *Adequadamente.*

Ela ignorou a mãe e colocou uma concha de caldo verde no prato fundo. Tirou os sapatos, pousou os pequenos pés na cadeira ao lado, com o tronco todo retorcido a parecer um saca-rolhas, e começou a comer enquanto mexia no celular. A mãe bufou, levou a mão à boca, trocou olhares com o marido, fez barulho com a colher tocando o prato. Mas, como não havia muito o que fazer com a filha que ainda precisava ser amansada, os adultos reiniciaram a conversa, agora condimentada pelas respostas que o vizinho teve de dar às muitas perguntas dos pais da menina. Os Crástinos lançaram à mesa breves notas biográficas, e naquela noite Santiago soube do trabalho do pai no ramo de seguros; soube também que a mãe era formada em Comunicação, mas abandonara o emprego quando do nascimento da filha mais nova; soube, ainda, que o casal decidira que a mãe não mais trabalharia – a fim de ter tempo para as crianças, disse ela.

— Não sou mais criança – rosnou Beatriz. — E a mamãe só vê TV. O dia todo.

— Beatriz! – dessa vez a mãe gritou.

A filha mais velha espertamente não prolongou o confronto, sabedora de que não podia com a mãe, de quem herdara o gênio – insistente, mas precavido. Beatriz não puxara à mãe, no entanto, nos cabelos castanho-claros e quase cacheados – os da adolescente eram negros e lisos como o do pai –, nem nas sardas, nem no verde ocular. Ainda assim a mistura ficou bonita: com curvas bem definidas, Beatriz parecia um jarro de porcelana chinesa com cabelo de índia americana.

— Papai, o senhor viu o novo vestido da Emília? – perguntou de repente a menina.

O pai não respondeu.

— Papai. Papaiê. Papaizinho. Papai?

— Diga logo – falou rispidamente o pai, que suava mais que os outros homens que a menina já havia visto e sempre desembaçava os óculos antes de falar.

— O senhor viu o novo vestido da Emília?

— Emília? Ah, sim, bem, sim, claro que vi... Quem é mesmo Emília?

— Já te falei mais de mil, mais de cem vezes, papai. Essa aqui, ó. A de cabelo amarelo.

— É... Sim... Ah, bonito. Agora deixe o papai conversar com nosso convidado.

O jantar transcorreu sem outras interferências das filhas, com pausa para troca dos pratos fundos pelos rasos, e os adultos falando de assuntos que iam de alterações climáticas às chances de a seleção portuguesa vencer o próximo mundial de futebol. Mas as conversas seguiam truncadas, começavam e morriam com risos vacilantes, tudo entremeado pelas costumeiras interrupções da mãe para dizer ao pai que comesse mais devagar. Num momento, porém, atenta demais ao convidado, a mãe colocou um enorme pedaço de lampreia na boca, maior do que conseguia mastigar, e engasgou-se.

Ligeira, livrou-se da maçaroca enrolando-a no guardanapo e, segundos depois, levantou-se para substituí-lo por outro, logo retornando da cozinha; mas teve de correr até lá de novo, furiosa, para buscar um pano – o pai acabara de derrubar na mesa a jarra d’água.

A curiosidade dos anfitriões foi-se aguçando e as perguntas deixaram de ser genéricas, com a conversa tornando-se mais informal conforme as taças de vinho se sucediam. Abriram outra garrafa, e mais outra. Os pais pediram detalhes sobre os projetos da tal fundação cultural, e Santiago contou ter sido convidado para integrar um grupo que reivindicava a volta dos livros.

Marido e mulher entreolharam-se atônitos.

— Mas... Para quê? – questionou o pai. — Ninguém mais vai ler um livro inteiro. Os poucos que se arriscam na tela logo usam as ferramentas de modificação e criam a própria história sobre a original. A interatividade irrestrita, uma das principais vantagens de nossa época, é democrática; já os livros não eram nada democráticos: congelavam a visão do autor.

— Se me permite, gostaria de discordar – disse Santiago. — Há várias camadas de leitura, e um livro pode convocar-nos à reflexão, confrontar-nos, deleitar-nos. Reavivar o prazer da leitura é justamente o que o grupo pretende. Aliás, haverá um evento sobre o tema no Centro Português de Fotografia na próxima semana. Se puderem comparecer, será na terça-feira à noite.

— Por que num centro de fotografia? – perguntou o pai.

— São parceiros da fundação, e estamos ajudando-os a não fechar as portas. Não sei se soube, mas, assim como houve a proibição dos livros, inicia-se agora movimento semelhante pelo fim das fotografias impressas e também das fotos digitais protegidas contra alterações. O argumento é o mesmo: “congelariam” uma visão de mundo, e por isso só deveriam ser autorizadas fotos disponibilizadas na rede nas quais qualquer um pudesse fazer modificações.

— Entendi – disse a mãe. — Até gosto das velhas fotos impressas. Já quanto aos livros... Ninguém mais tem tempo para ler mesmo...

— Bem, querida, se você assistisse menos à TV...

— Não é nada disso! – irritou-se a mãe. — É que nos livros não havia respostas imediatas. E gosto de ter tudo o que desejo com rapidez.

Houve um vácuo de vozes, os anfitriões aguardando Santiago dizer algo. Mas ele não o fez. A mãe lançou um olhar para a menina e ela entendeu a mensagem: “nenhuma palavra sobre o livro picotado”. Nenhuma palavra a respeito fora dita desde a fragmentadora de papel, e nem o seria: a mãe não permitiria que o pai soubesse – isso daria a ele munição para mais chacotas sobre a avó da menina.

Por obra da mãe, a conversa derivou para outras bandas e os adultos falaram do recente flagelo num país africano – algo triste, mas necessário à sobrevivência do mais apto, disse a mãe (outra coisa que a menina não conseguia entender). Santiago desconversou e perguntou se não era perigoso a menina andar sozinha pelo bosque. Os pais disseram já terem ordenado a ela que usasse o outro acesso ao bairro, mas a menina teimava em cortar caminho pelo bosque. O vizinho perguntou sobre a escola, se era boa, e o pai afirmou que sim, havia duas de igual qualidade nas redondezas, uma mais longe, outra mais perto.

— Optaram pela mais próxima, penso.

— Na verdade, não – disse o pai a Santiago. — As duas tinham educação bilíngue, o que era uma exigência nossa. No final, decidiram por nós – completou, olhando para a esposa.

— O senhor quer dizer *ela* decidiu? – perguntou Santiago, sorrindo, com a cabeça pendendo na direção da mãe da menina.

— Não é bem isso – respondeu o pai. — A proximidade por certo seria uma vantagem; mas usei duas vezes o aplicativo de consulta aleatória e ele indicou a escola mais distante. Por isso *teve* de ser aquela.

Com a testa povoada por dobras de expressão aflitiva, Santiago olhou para a mãe da menina.

— Melhor mudarmos de assunto. *Detesto* essas coisas eletrônicas que meu marido e Beatriz usam – disse a mãe, cáustica, olhando para o pai. — Decidem tudo na base da sorte.

A menina também detestava coisas decididas na base da sorte. Nisso ela concordava com a mãe, com quem, aliás, aprendera o verbo *detestar*, dela copiando o jeito engraçado de entortar as sobrancelhas ao falar “detesto”.

— Como pode ver, senhor Santiago, minha esposa é arredia às inovações tecnológicas – retomou o pai. — O que ela não percebe é que o método randômico é o mais seguro e mais justo já adotado em toda a história da Humanidade. E isso por uma razão muito simples: porque está em perfeita consonância com o que o universo é, com o que nós somos – uma combinação aleatória de infinitos fatores. Há tempos superamos aquelas bobagens sobre escolhas e responsabilidade, valores, livre-arbítrio. Nada mais leve para o coração humano do que depositar tudo na grandiosa mão da sorte.

O rosto de Santiago como que derretia, e pareceu que ele ia falar algo sério; mas a mãe pôs-se em pé e pediu ao marido, de forma não muito cortês, que a auxiliasse a levar dali os pratos, impedindo assim a continuidade do assunto. Desconcertado, Santiago ofereceu ajuda, que foi educadamente recusada. Da porta que dava para a cozinha, a mãe perguntou ao convidado se aceitava sobremesa. Ele agradeceu, estava já satisfeito. A mãe insistiu, mas, para azar da menina, não consultada, Santiago disse não ser muito de doces, e nada mais veio à mesa de jantar.



Já na sala de estar, a mãe serviu café nas xícaras amarelas – a menina preferia as antigas faianças portuguesas, infelizmente abandonadas no porão. Beatriz quis ir para o quarto, mas o pai proibiu: a filha teria de ficar com eles até que o convidado partisse. Ela esbravejou, falando aos solavancos, aos socos, como todos os adolescentes daquele tempo, mas acabou rendendo-se e largou-se no sofá da sala. Depois de encher as taças com vinho do Porto, a mãe apanhou o paletó que Santiago estendera no braço do sofá e pendurou-o numa cadeira; mas ela não conseguiu o equilíbrio desejado – a vestimenta teimava em pender para um dos lados.

— Há algo pesado em seu paletó, senhor Santiago – disse a mãe, sem jeito.

— Não se incomode com isso, senhora Louise – respondeu ele, retesando-se na poltrona preta de couro. — É que carrego um caderno de notas no bolso lateral.

— Caderno de notas? Veja, querida, sua velha mãe fazia isso – ironizou o pai. — E a menina também faz com uns caderninhos, senhor Santiago. Escreve tudo. Nunca nos deixa ver. É o segredinho dela – completou, servindo-se mais uma vez de Porto. — A propósito, senhor Santiago, o que é que se faz com um caderno nos dias de hoje?

— Uma daquelas promessas que fazemos e não cumprimos integralmente. Ganhei-o de uma pessoa importante para mim e...

— Que coisa mais antiga... – interrompeu Beatriz, sem tirar os olhos da tela de seu celular.

— É verdade. Sou antiquado. E da promessa só tenho cumprido a parte de carregar o caderno. Para escrever falta-me o tempo.

Santiago pareceu distanciar-se dali, como se pensasse não no dilatado tempo das crianças, mas no achatado tempo dos compromissos adultos.

A menina deixara a mesa e estava à porta da sala de jantar, parada e equilibrista; quando tentou o passo, porém, duas bonecas de pano foram ao chão. As bonecas não se feriram, é certo, mas ela assustou-se e os olhos buscaram os da mãe, os olhinhos pedindo desculpas e ajuda.

— Que droga, menina! Sempre essas bonecas para lá e para cá! – exaltou-se a mãe.

— Queria ter oito braços – disse a menina, olhos postos no convidado.

— Posso saber por quê? – perguntou Santiago, sorrindo.

— Um para cada boneca. Elas sempre caem. Senhor Santiago, agora já é outra hora? O senhor já pode me contar uma história?

— Deixe de perturbar nosso convidado, menina! Senhor Santiago, desculpe-me. Essa menina tem o gene maldito da avó. Devemos protegê-lo dela – afirmou o pai.

Santiago mostrou-se atordoado como se tivesse levado uma pancada na nuca. Ao perceber, o pai emendou:

— Pode ficar tranquilo, senhor Santiago. A menina não tem o gene criminoso. Ninguém nessa família tem. O senhor está a salvo conosco. Ninguém aqui é capaz de qualquer crime. Ao falar em gene maldito, referia-me ao hábito de azucrinar os outros com essa coisa de lendas, fábulas, histórias. Minha sogra era terrível.

— E a história, senhor Santiago?

Os pais iam repreender de novo a menina, mas dessa vez Santiago adiantou-se:

— Não sou bom contador de histórias, Alice, mas conheço algumas. Posso tentar.

— Não se incomode com a menina, senhor Santiago. Ela vive a pedir isso a mim e ao pai – interferiu a mãe.

— E vocês nunca contam! A mamãe sempre tem um programa na TV, o papai tem de trabalhar, Beatriz finge não me ver. Por favor, senhor Santiago, só uma historinha...

— Está bem, Alice.

A menina aconchegou-se no pufe branco, defronte a Santiago, e ajeitou as bonecas em duas fileiras de quatro. Ela só tinha olhos para o vizinho que agora contava uma história curta, mas intensa nos perigos, com ilha, labirinto e Minotauro – a primeira de tantas histórias que revelariam a atenção devotada por Santiago à menina.

Havia no relato tantos detalhes que nos momentos iniciais a menina pensou que o protagonista da história era o próprio contador, o vizinho estrangeiro ocultando-se ao falar como se de outra pessoa; depois, algo espantoso – já não havia diferença entre o mundo da história e a sala onde estavam; depois, um breve retorno à casa quando ela ouviu o barulho de uma taça sendo posta na mesa; e depois, o espanto cresceu, pois parecia ser ela própria, a menina, quem buscava um fio no labirinto.

Ao ouvir a entonação indicativa do fim do relato, a menina deu um salto.

— Foi como nas histórias da minha avó e do meu tio! – exultou ela, abraçando pelo pescoço o convidado.

Os pais nada disseram.

— Onde o senhor aprendeu essa história?

— Num velho livro, Alice.

— O senhor possuía muitos?

— Tive poucos livros, mas antigamente havia lugares chamados bibliotecas, e nelas se podia ler livros e até tomá-los emprestados. Infelizmente, foram todos queimados.

— Que triste... – disse a menina, ainda agarrada ao contador de histórias.

A mãe serviu mais vinho do Porto e o pai correu os dedos pelo celular.

— Mas adorei *mesmo* a história – frisou a menina ao desprender-se de Santiago.

— Que coisa idiota... – ironizou Beatriz.

— Não é não! – indignou-se a menina.

— É sim – disse Beatriz.

— Parem já! – gritou a mãe.

A menina perdeu-se em pensamentos sobre a avó e o livro picotado. Talvez o livro tivesse ido embora porque era hora de Santiago chegar. Talvez as coisas tivessem de ir embora, mesmo sendo isso triste, para que outras pudessem vir. Mas, como estava proibida de falar do assunto, achou estar proibida também de pensar no assunto, e então freou o pensamento. Apanhando as bonecas que tinham perfume de meninice, ergueu-as uma a uma, apresentando-as ao vizinho: Emília, Azul, Bolinha, Miloca, Faquiolina, Joninha, Lua e Zazá.

— Tive uma ideia – disse Santiago.

O contador de histórias retirou-se rumo ao palacete e voltou minutos depois com um rolo de corda fina de nylon e uma tesoura; silencioso ao abrir a porta, ele quase surpreendeu o pai da menina, que ironizava o palavreado formal do novo vizinho. Santiago sentou-se na mesma poltrona de antes, cortou um pedaço de cerca de três metros de corda e passou a fazer amarrações daquelas que sabem os homens

de muitas aventuras no mar, formando uma linha entremeada por laços suaves. Ele pegou as bonecas, passou o pulso da primeira boneca pelo primeiro laço e apertou. Passou o pulso da segunda boneca pelo segundo laço e apertou. Passou o pulso da terceira boneca pelo terceiro laço e apertou. E foi assim, sempre contornando as costas das bonecas com o próprio fio, que chegou à oitava boneca. Cortou a sobra, levantou-se, abriu os braços, tendo cada ponta do fio numa das mãos, e exibiu as bonecas, agora unidas como as letras de um livro.

A menina acompanhara quieta, em pé sobre o tapete, fitando Santiago que, com as costas eretas e peito inflado, parecia uma nobre personagem de histórias esquecidas.

— Pronto. Agora suas bonecas não caem mais – disse ele. — E você nem precisará de oito braços.

— Obrigada, senhor Santiago.

Ele ajoelhou-se, entregando as bonecas à menina, e ela tocou-lhe no ombro, feito uma rainha a ordenar seu cavaleiro.

— O senhor é uma pessoa tão boa... – disse a menina.

Santiago ficou em silêncio como se visitado pela surpresa, como se aquele comentário simples o tivesse atirado a lembranças de algo longínquo. Depois agradeceu sorrindo, daquele jeito que só fazem os gênios e os atrapalhados.

— Obrigado, Alice. Você é mesmo adorável. Tenho tentado... – e interrompeu-se, como se falasse a si mesmo e a voz minguasse.

Levantando-se com olhos úmidos, Santiago disse ser hora de ir para casa e desculpou-se com os adultos pelo mau jeito com a história – não queria ter causado conflito entre as irmãs. Os pais pediram-lhe relevasse a rispidez da filha mais velha e a impertinência da menina, que tomara o tempo dele com bobagens. De forma alguma, respondeu Santiago: tudo havia sido muito prazeroso.

— O prazer foi *todo meu* – disse a mãe, frisando o “todo meu” e exibindo os dentes azulados de vinho, a boca entreaberta em sorrisos impudentes. — Fique mais um pouco.

— Adoraria, senhora Louise. Mas há tempos eu não exagerava no vinho e estou um tanto sonolento – ponderou Santiago enquanto

pegava, do chão, o paletó que havia escorregado da cadeira sem ninguém ter percebido.

A menina viu algo sob a cadeira e correu até lá. Apanhou o objeto, um caderno. A capa branca possuía linhas paralelas entre as quais alguém escrevera um nome com esferográfica azul. A menina leu os escritos: “Hilário Pena”.

— Senhor Santiago, isso deve ter caído do seu paletó – disse ela.

Ele voltou-se, e parecia apavorado. Depois se agachou para ficar da altura da menina e, recebendo dela o caderno, agradeceu e fez aquilo deslizar para dentro do bolso lateral do paletó, desfranzindo a testa em alívio.

Na despedida, a mãe confirmou com o vizinho a data e o horário do evento sobre livros e perguntou ao marido se ele pretendia ir. O pai falou que dependeria do trabalho, tentaria voltar a tempo, avisaria Santiago na casa dele. Melhor pelo celular, disse Santiago, informando que iria a Lisboa pela manhã e só retornaria na terça-feira da outra semana, no dia do evento.

Tão logo Santiago partiu, a mãe postou-se na janela, com os olhos lascivos afivelados na casa do vizinho. A menina surgiu por baixo e, copiando a mãe na postura, apoiou uma das mãos no vidro gelado. Beatriz saiu dizendo que iria a uma festa em Matosinhos e retornaria lá pelas duas da madrugada. Voltou às três, quando a mãe cochilava diante da TV da sala, enquanto o pai visitava um site de meninas tatuadas, mais ou menos da idade de Beatriz, que tinham se esquecido de vestir as roupas.

A menina não entendia por que os pais nunca iam para a cama no mesmo horário. Parecia que nunca dormiam. Já a menina gostava de dormir bastante. Atipicamente insone naquela noite, no entanto, ela acendeu a luz do quarto e pôs-se a arrumar as bonecas na prateleira, cuidando para que nenhuma tapasse os desenhos de lavanda do papel de parede – à exceção dos desenhos da plantinha lilás, o resto do quarto tinha ares de clínica, sem decoração, nenhum quadrinho (não deixavam a menina pendurar nada), só mesmo as paredes cor de gelo, a cama pequena, o guarda-roupas e a cômoda-escrivaninha.

Depois a menina passeou pela casa, indo grudar-se de novo na janela que dava para o palacete.

Na madrugada, a casa do vizinho dançava na mata sem tocar o solo.



A menina gastou parte da madrugada a escrever em seu caderninho a história contada pelo novo morador do palacete. Pensou em Santiago e que, se ele fosse um pai, talvez contasse histórias à beira da cama a uma filha. Contaria certamente. Encantou-se com a ideia. Agora poderia ter dois pais: um que conheceu desde bebê, e esse, o senhor Santiago, o “pai de letrinhas”. Gostou disso – não tinha problema ter dois pais. O senhor Santiago poderia ser seu pai de letrinhas contador de histórias. Melhor, seria o avô que não conheceu. Sim, o senhor Santiago seria o avô que ela não teve, e haveria de ser um avô calmo como o rio Febros que serpenteava pelo bosque da menina, contador de histórias como a avó que vivia na gata sumida, apreciador de cachimbos como o tio que fora preso por guardar livros. Um avô que afastasse a saudade do desconhecido, que preenchesse o buraco da ausência. Um Avô de Letrinhas.

Ela pensou também em um monte de outras coisas: queria saber por que o mundo era do jeito que era, por que foram proibir logo os livros, por que se havia de denunciar quem os tivesse, e mais um punhado de porquês. Naquela noite em especial, porém, estava encafifada era com o “caderno Hilário Pena”. Talvez ali o senhor Santiago anotasse histórias. “Hilário Pena”... O nome de família era o mesmo do senhor Santiago: “Pena”. A menina queria saber o que havia no caderno. E queria saber quem era o tal Hilário Pena. Depois ela veria isso com o bosque.

A menina sabia que, quando se deseja algo no bosque, o bosque atende, e que, tendo pedido alguém que contasse histórias, o bosque já havia lhe entregado. Estava muito grata. Sabia também que, se aquele era mesmo um caderno de histórias, algum dia, quando fosse

maior e mais sabida, o bosque iria trazê-lo para ela. Mas talvez até lá ela ainda tivesse muito que crescer. Talvez viesse a conhecer a história de Hilário Pena por escritos dele próprio. Ou talvez aprendesse sobre Hilário Pena pela voz de Santiago, o Estrangeiro que contava histórias.

SEGUNDA PARTE



Por outros olhos:

Hilário Pena e a Biblioteca de Babel

RÉQUIEM

(BRASIL, MUITOS ANOS ANTES...)



Hilário Pena tinha vinte e dois anos no dia do crime.

O frio de maio em São Paulo não impedia a concentração de moças e rapazes, e a algazarra avivava a tarde no bairro boêmio, antes reduto de idosos; raios de sol escapavam por brechas nas nuvens, aclarando os telhados, e iam reforçar o amarelo-vivo da calçada; dali, era quase inaudível a apresentação de chori-nho que ocorria nos fundos do bar. À sombra do salgueiro-chorão, Hilário aguardava a chegada dos colegas de trabalho – engenheiros do setor de projetos, seus superiores na construtora. Balançando-se na cadeira, ele apoiou os cotovelos no tampo da mesa e, aproveitando a proximidade do retrovisor de um carro estacionado, ajeitou os cabelos negros e lisos. Desvestiu o casaco, deixando à mostra os braços robustos, e esfregou as mãos, tateando os calos que evocavam a época de atividade na marcenaria. Enquanto tomava sua cerveja, leu no quadro de avisos, montado sobre um barril de carvalho, a

chamada para a roda de samba do domingo e o cartaz da campanha pela restauração da Biblioteca Municipal.

Naquele tempo Hilário não dava a mínima para livros, mas a discussão na mesa ao lado capturou sua atenção: três garotas e um loiro magricela receberam com abraços o baixotinho de traços indígenas que acabara de chegar de bicicleta; ao sentar-se, o baixotinho depositou na mesa um livro poeirento que tirara da blusa, dando início à contenda.

— Essa velharia tem de acabar! — gritou o loiro, e entre risos emendou que os livros eram detestáveis e antidemocráticos, que era caso de ser moderno e proibi-los como na Suíça, de meter fogo em tudo.

O baixotinho encrespou-se, falou com desembaraço, ganhou apoio das moças; mas logo a discussão foi suplantada pelo burburinho do boteco. Espremendo parte da clientela na calçada, o “Galeriano’s Music Bar” tinha esse curioso efeito de baralhar por instantes as vidas de desconhecidos, mesclando vozes e impressões, enlaçando olhares, repicando assuntos como pedacinhos de vidro num caleidoscópio.

O som de buzinas fez Hilário olhar para a rua. Um idoso de pele crestada pelo sol puxava sua carrocinha recolhendo lixo reciclável — atrapalhava o trânsito e, embora a lentidão em regra não incomodasse quem estava a passeio, com *aquilo* os motoristas não tinham paciência. Hilário mediu-se com o velho, que lhe pareceu um sentenciado a trabalhos forçados, mas não demorou para esquecer-se dele — naquela época Hilário ainda carregava o otimismo típico da mocidade, com a certeza de sucesso no porvir: da infância marcada pela pobreza às gozações na faculdade por usar sapatos simplórios, todos os seus percalços pareciam agora superados; a roda da fortuna iria girar e ele chegaria ao ápice, ganharia respeito; e já percebia que até mesmo Cristina, a engenheira ruiva de pernas de arranha-céus, era-lhe mais e mais receptiva.

Quando finalmente chegaram os quatro rapazes, parabenizaram Hilário brevemente pela promoção de estagiário a *trainee*, sentaram-se e puseram-se a tagarelar sobre a viagem realizada no ano

anterior, da qual ele não participara. Alheado da conversa, Hilário alternou tragos de tequila com goles de cerveja e pôs-se a observar a jovialidade das saias curtas que desafiavam o vento. Já um tanto embriagado, ele levantou-se, serpenteou entre as cadeiras, mesas e pessoas à beira da rua, e depois foi conferir a área interna do bar – o longo retângulo de paredes revestidas de madeira, nas quais pendurados instrumentos musicais; mas nada de Cristina ali também. Ao retornar à sua mesa, Hilário percebeu que os vizinhos tinham retomado a conversa sobre proibir os livros; ia mencionar tal assunto aos engenheiros quando alguém berrou “silêncio!”, e então todas as atenções voltaram-se para o noticiário exibido no televisor fixado sob o toldo do bar.

A TV vinha repetindo a mesma matéria desde cedo: a decisão judicial era agora definitiva, não cabia recurso, e a legislação sobre o novo método de redução da criminalidade seria aplicada. A técnica consistia no exame que investigava a presença de um gene condicionante da violência, e com isso seria possível mapear os criminosos em potencial e impor a pena capital aos autores de crimes graves. O noticiário ecoava o de uns quatro anos antes, quando a lei fora publicada, mas de imediato suspensa, e o assunto agora retornava porque os ministros do tribunal tinham ouvido especialistas, revisto conceitos, mudado o entendimento. As medidas anticrime haviam obtido espantosos resultados na Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, dizia o empolgado âncora; depois foram adotadas por toda a Europa; e a partir daquele dia seriam vistas no Brasil. A reportagem exibiu uns protestos, arruaceiros gritando contra a pena de morte, mostrando fotografias, amarrando-se a postes, fazendo baderna com seus cartazes. Hilário não deu atenção.

Já Túlio, o engenheiro que por alguma razão ininteligível era tido em alta conta por Cristina, festejou: finalmente o Governo – ou alguém maior que o Governo – cumpria sua função, resolvia os problemas, os criminosos seriam todos presos, e os cidadãos comuns poderiam beber suas cervejas em paz. Logo celulares tocaram, alguém lembrou uma piada antiga, outro comentou o jogo de

futebol da quarta-feira, e o assunto foi encerrado quando chegaram as porções de torresmo e pastel. Vieram à mesa feijoada e caipirinha, duas horas transcorreram na tarde cinza de espasmos amarelados, e todos esqueceram-se da reportagem e dos genes. Ao longe o sol embaçado despencava das nuvens e ia encovando-se atrás dos prédios; àquela altura Cristina até já havia chegado irradiando sua beleza cúprica, mas limitara-se a acenar da porta, indo embrenhar-se na ala interna com as amigas. Como de costume quando bêbado, Hilário devaneou sobre alguma atuação heroica que pudesse caber-lhe – precisava de algo que despertasse o interesse dos outros, pois tinha a constante sensação de que permanecia excluído de tudo, como se em qualquer parte do mundo fosse ser sempre um forasteiro.

Chovia fino quando Túlio se levantou e se postou entre os dois rapazes da mesa vizinha; falava alto, as mãos abrindo e fechando nervosamente; pareceu não ter sido muito respeitoso com uma moça de lilás. Tudo começou com uma simples discussão, mas em segundos braços entrelaçavam pescoços, pernas alcançavam alturas inimagináveis, cabeças eram atingidas. Uma sinfonia foi composta por copos, garrafas e cadeiras se quebrando; o barril de carvalho foi ao chão, partindo-se com estrondo, e um “não”, gritado em coral, foi sucedido pelo estranho som de pele se rasgando.

Com os pés na calçada e o dorso no asfalto molhado, o baixotinho do livro vertia sangue pelo pescoço tingindo a calçada, tingindo o asfalto, tingindo tudo. Um cachorro esquelético cruzou a rua e com as patas tintas foi carimbando a calçada, carimbando o asfalto, carimbando.

Pálido de horror, Hilário Pena tinha na mão um gargalo de garrafa em forma de adaga.



Não era a melhor maneira de acordar. O braço bateu na parede estufada pela umidade e farelos de tinta caíram no rosto de Hilário, impedindo-o de abrir os olhos. Que lugar era aquele ele não sabia;

havia um entorpecente cheiro de porão. Ergueu seu tronco do chão áspero, esfregou as pálpebras e então viu, fora de foco, o padrão de hastes alinhadas à sua frente como soldados asseados. Tentou rememorar o ocorrido, mas tudo parecia envolto em água, névoa e vômito.

Havia respingos de sangue em sua camisa, mas aparentemente não estava ferido. Encontrou um esparadrapo grudado na junção do braço com o antebraço. Pondo-se em pé, Hilário percebeu-se em uma cela e teve vertigem, agarrando-se às barras metálicas para não cair. Vomitou. Segundos depois, mais aprumado, constatou estar numa ala de quatro celas cúbicas: a sua e a contígua, de um lado do corredor, e duas idênticas, do outro. Paredes de alvenaria cinzenta delimitavam os fundos e uma das laterais de sua cela, enquanto grades fechavam a frente e faziam a divisão com a cela adjacente; não havia lâmpada no teto encardido e o piso era de cimento grosseiro, parecendo uma chapa de zinco amassada e imunda. Hilário afastou a cortina bege da lateral esquerda e descobriu o minúsculo banheiro; havia um espelho trincado, pendurado acima da pia diminuta, um buraco sanitário e um chuveiro cuja fiação esgueirava-se pela parede. Um feixe luminoso proveniente da pequena abertura na parede traseira invadia a cela, projetando no chão, em luz e sombras, o desenho do gradil. Subindo na cama de concreto, estreita como um catre de campanha, Hilário ficou na ponta dos pés, mas, apesar de ter quase um metro e noventa de estatura, não alcançou as barras da janela. Ao descer da cama, notou seu relógio caído num canto e abaixou-se para pegá-lo.

— Bem-vindo a Babel.

A voz vinha do corredor e apanhou Hilário ainda agachado; ele voltou-se e viu um sujeito de uniforme cinza com cara de hiena.

— O que estou fazendo aqui? – perguntou Hilário, levantando-se.

— Você não sabe? Ótimo. Diga isso ao juiz. Talvez ele leve em conta sua amnésia. Talvez ele se esqueça de mandar apertarem o botão para fritar seus miolos.

— Juiz? – e Hilário vomitou mais um pouco.

O estômago doía como se um bicho peçonhento percorresse suas entranhas. As lembranças chegavam aos poucos: a garrafa ferindo o solo, estilhaços, ele na defesa dos amigos. O agente penitenciário retirou-se assoviando.

Veias e artérias tripudiavam na cabeça de Hilário, obrigando-o a deitar-se mesmo tendo o vômito ali, com seu cheiro ajuntado ao de tequila e de frituras de boteco. Atordoado com o que ouvira, ficou imóvel e acabou adormecendo. Quando acordou, a tela digital de seu relógio marcava 20:01, sincronizada com os ponteiros. Encontrou, recostada à grade, uma marmitta de alumínio e abriu-a, mas o cheiro dos legumes refogados provocou ânsia, e com a bile desenhando-se na garganta não houve meio de comer. Rememorou os acontecimentos no bar, e não entendia por que *ele* estava preso; aquilo era insondável – e um rematado absurdo. Buscou abrigo em um canto menos frio, longe da cama que parecia um jazigo e da mancha de vômito que emporcalhava o chão. Ao usar seu casaco como cobertor, lembrou-se de Dona Marta, a senhorinha que lhe presenteara com aquela peça de camurça. Da velhinha o pensamento saltou para o Professor Andrada, marido dela, e para as bolsas de estudos – de aprendiz de marceneiro, Hilário era agora estudante de Arquitetura e Engenharia e estava prestes a se graduar nos dois cursos. Lembrou-se de quando ajudou o professor, então um desconhecido, a trocar pneus numa noite de chuva; lembrou-se da amizade surgida entre o senhor culto e o adolescente de unhas sujas, das tardes jogando xadrez na casa dos velhos, de Dona Marta – sempre comovida com a história do órfão que trabalhava em troca de um lugar para dormir – ensinando-lhe Música; o que mais comovera os velhos, no entanto, não fora a orfandade, e sim a história das listas: despojado de qualquer coisa que pudesse chamar de sua, o garoto Hilário tinha capturado todas na fantasia: eram listas de viagens sonhadas, de brinquedos de vitrine, brinquedos de feira, bichos, amigos, guloseimas, familiares – enfim, de ausências. A memória invulgar havia também reunido tesouros etéreos: listas de ditados de rua, de

palavras raras, de equações insólitas. Hilário não refugou quando, alguns anos depois, o professor ofereceu-lhe as bolsas de estudos e, meio abobado, descobriu que a habilidade de trocar pneus podia valer uma faculdade. Duas.

A madrugada encontrou Hilário entre o sono e a vigília, tentando lembrar-se do que lhe parecia ter sido a véspera, o sábado no bar com o pessoal da construtora. No início achara-os esnobes, decepcionando-se um pouco com os ricos: eram chatos, contavam sempre as mesmas histórias sem graça e vestiam-se como se pertencessem a um mesmo time de rúgbi. Ninguém ali tinha apanhado quando criança, nem precisava se envergonhar ao ter de preencher o maldito campo “filiação” nalgum formulário estúpido. Mas eles moravam em casas suntuosas e tinham carros velozes, e não foi difícil gostar daquele mundo: em poucos meses, Hilário trajava-se como eles, imitando-os em tudo. Cristina fora a propulsora da mudança, é certo, embora sem dizer nada – uma mulher daquelas não precisava falar nada para mostrar o que queria. Convencido de ter apenas cumprido um dever ao defender os amigos, Hilário adormeceu, reconfortado.



Hilário acordou com gritos da hiena: alguém importante queria vê-lo. Na certa um dos engenheiros; talvez Cristina; ou até mesmo o Professor Andrada.

Conduzido por corredores delgados intercalados por portas oxidadas e ladeados por celas vazias, Hilário chegou a uma sala escura, sem janelas e de ar pestilento. Logo os olhos adaptaram-se à pouca luz e ele pôde enxergar algo: havia uma mesa retangular, sobre a qual descia a luminária suja que dava ao lugar a aparência de casa de jogatina, além de quatro cadeiras e um arquivo de metal. Colocado de costas para a porta numa das cadeiras, percebeu na lateral uma escada de alvenaria. Três homens engravatados contornaram a mesa e sentaram-se, e o mais velho, de vivaz rosto negro, apresentou-se:

— Senhor Hilário Pena, sou Carlos Castelo, advogado — disse o sujeito, enquanto desabotoava o paletó azul visivelmente caro. — Fui nomeado para representar seus interesses. Minha atuação será *pro bono*. Gratuita. Estes dois senhores são da Comissão de Investigação, Análise e Execução do Ministério de Política Criminal.

Hilário mirou o rosto oval que falava sobre a tal comissão de nome comprido e estranho. Os olhos do advogado piscavam por trás dos óculos de aros redondos, os dedos ajustavam as abotoaduras de ouro, e os cabelos e a barba embranquecidos, aparados à máquina bem curtos, davam contorno perfeito ao formoso crânio. A primeira impressão que se tinha do Doutor Castelo era a de um homem bom, lhano, daqueles que se acionam em situações extremas — como fazem velhos camponeses ao pedirem a intercessão de um santo.

Desviando para as duas figuras espectrais da Comissão, Hilário sentiu-se enfiado numa tina com gelo: vestiam ternos pretos idênticos e, não fosse a barba comprida e longa cabeleira de um em contraste com o corte militar do outro, seriam intercambiáveis os dois sujeitos, ambos com o mesmo rosto pálido e os mesmos olhos opacos de verdugo.

Recostando-se na cadeira, Hilário provocou um som surdo ao bater com as algemas no tampo da mesa de jatobá.

— Muito prazer, doutor. O Professor Andrada chamou-o para minha defesa? Ou foi o pessoal do trabalho?

— Fui nomeado pelo Estado — respondeu o advogado, abrindo uma pasta.

— Deve haver algum engano. Tenho certeza de que meus amigos chegarão logo. Peça-lhes para contatarem o professor. Com todo respeito ao senhor, doutor, prefiro alguém da confiança dele.

— O Professor Andrada já esteve aqui enquanto você dormia — disse o advogado com firmeza. — Ao inteirar-se do caso pediu que ninguém mais o incomodasse. Deixou claro que você era apenas um garoto que ele ajudou há alguns anos. Não pareceu confortável com a situação.

— Entendo. Ele já tem certa idade, não deve compreender essas coisas. Mas e os rapazes que estavam comigo no bar?

O Doutor Castelo hesitou, mas Hilário projetou o corpo para a frente, numa indicação de que o advogado devia responder.

— Seus amigos não virão.

— Como assim?

— Prestaram depoimento no 3º Distrito da Capital e foram enfáticos: não atenderiam nenhuma ligação sua.

— Não pode ser, doutor! – gritou Hilário. — Estou aqui por eles! Só peguei a garrafa para que ninguém mais se ferisse.

— Acalme-se. Veja, sou seu advogado, mas só poderei fazer um bom trabalho se me disser a verdade. *Toda* a verdade. Vamos recapitular: você matou um homem e ninguém confirmou ter sido para se defender ou...

— Isso é ridículo! Eu não matei ninguém! Aqueles sujeitos é que estavam batendo nos meus amigos. O baixotinho tinha até um revólver, poderia ter matado o Túlio!

O advogado rodopiava a unha do indicador por sua pasta de couro de avestruz.

— Na verdade, Hilário, seus amigos é que estavam em maior número e, segundo eles, quando tudo já havia sido apaziguado, você saltou sobre um dos rapazes, desequilibrou-se, caiu e, enquanto se levantava, apoderou-se de uma garrafa de cerveja, quebrou-a no meio-fio e cravou o gargalo no pescoço daquele jovem.

— Quem disse isso?!

— Vou pedir novamente que você se acalme. Do contrário não chegaremos a lugar algum. Veja, pelos depoimentos colhidos, sua situação é bem delicada.

— Doutor, eu não fiz nada de errado. O rapaz tinha um revólver!

— Por enquanto nenhuma testemunha falou em arma de fogo. De qualquer maneira, temos um possível trunfo caso você seja condenado, e é por isso que estes dois senhores da Comissão estão aqui.

Hilário levantou-se berrando: queria falar com o Professor Andrada, tinha direito a um telefonema, alguém deveria contatar o

pessoal da construtora, alguém tinha de vir resolver aquela confusão. O advogado esclareceu que sim, tinha direito a uma ligação, mas não, não poderia ligar para os amigos que já haviam vetado suas chamadas. A hiena veio até a porta da sala com o cassete em riste; Hilário sentou-se, enterrou a cabeça nos braços e ficou olhando os próprios joelhos. O advogado esperou-o voltar à posição original e prosseguiu:

— Você tem mais alguém para quem queira ligar?

Hilário não tinha. Estava só. De novo. Era não mais que limalha humana.

Os homens da Comissão permaneciam imóveis, parecendo gárgulas de uma catedral gótica. Hilário quis saber sobre o tal “trunfo”, mas olhou de soslaio para os sujeitos do Ministério de Política Criminal e perguntou se não teria uma entrevista reservada com o advogado. O Doutor Castelo respondeu que depois haveria tempo para isso, mas naquele primeiro contato a presença dos agentes era de suma importância para o caso. Só então os sujeitos apresentaram-se.

— Sou o Agente Martins. Muito prazer – disse o homem sem barba. — Este é o senhor Supervisor, Agente Meireles.

Hilário cumprimentou-os apenas movendo a cabeça e voltou-se para o advogado, que começou a explicar.

— No dia em que tudo ocorreu a nova legislação de rastreamento genético de criminalidade já estava em vigor. Agora a boa notícia, mais para você do que para o Governo – disse o advogado num tom irônico. — Antes de ser trazido para cá você passou pelo Hospital Central da Capital. Estava desacordado. Por determinação do delegado, extraiu-se um pouco de seu sangue para exame de alcoolemia e de entorpecentes e...

— Eu não uso drogas!

— Sabemos, os exames confirmaram. Mas permita-me concluir, por favor. Seu sangue também foi submetido aos testes de mapeamento genético. Você foi um dos primeiros. E o único com resultado negativo. Pode escapar da pena de morte e...

— Pena de morte?! Primeiro o carcereiro e agora o senhor também, doutor?! Só podem estar brincando.